



Sopa de amêndoas me lembra muito Mlle Mars; salada de trufas evoca com muita felicidade Mlle Georges. Ah, caro amigo, bons tempos! Como ríamos naquelas ceias!

Depois de Mlle Georges trocar de roupa – e, segundo o hábito das grandes atrizes, fazia-o à nossa frente –, deixávamos seu camarim e, abrindo uma passagem na grade do Luxembourg cuja chave ela possuía, voltávamos para sua casa, na rua de l’Ouest, pelo jardim, por uma outra grade que dava para o seu próprio jardim. De longe, através da folhagem, ou melhor, através dos galhos nus da folhagem, pois era inverno, víamos brilhar as vidraças da sala de jantar feericamente iluminada.

Mlle Mars. Atriz francesa, Anne-Françoise Boutet [1779-1847] estreou aos quinze anos no Teatro Feydeau, sendo admitida na Sociedade dos Atores Franceses em 1799; fez parte dela durante trinta e três anos, integrou a Comédie-Française em 1833 e se aposentou em 1841. Foi protagonista do primeiro grande sucesso teatral de Dumas: *Henrique III e sua corte*. À naturalidade, graça e sofisticação nela aliavam-se fisionomia eloqüente, olhos soberbos, sorriso irresistível e voz encantadora. Conhecida como “Diamante”, era a atriz favorita de Napoleão.

Mlle Georges. Atriz francesa, Marguerite-Joséphine Weimer [1787-1867] estreou na Comédie-Française aos quatorze anos, tornando-se membro efetivo e sócia da companhia em 1804. Sua beleza e talento provocavam grande entusiasmo. Em 1808, Mlle Georges deixou Paris secretamente, em companhia do dançarino Duport, do Opéra, e foi atuar em Veneza, depois em Moscou e São Petersburgo. Napoleão a trouxe de volta a Paris em 1813, sendo mais uma vez exonerada do Teatro Français em 1817, após nova escapada. Entrou para o Odéon em 1821, onde representou as rainhas do repertório clássico, tendo sido protagonista de diversas peças de Dumas, entre elas *Christine, rainha da Suécia*. Vítima de excessiva obesidade (comentário da época: “Dizem que todo o Odéon está em Mlle Georges: deve ser por isso que ela é tão gorda!”), abandonou os palcos em 1849.



Mal entrávamos, sentíamos uma lufada quente e perfumada. Dirigíamo-nos então para a sala de jantar, onde nos esperava um enorme prato de trufas, de dois a três quilos. Sentávamo-nos imediatamente à mesa, e Georges, que fizera sua toalette, como mencionei, em seu camarim, puxava para si a saladeira, instalava-a sobre uma toalha reluzente de alvura e, com suas belas mãos de rainha e a ajuda de uma faca de prata, punha-se a descascar as trufas com habilidade e delicadeza infinitas.

Os comensais: o ator Lockroy, fino e trocista, que afagava e ao mesmo tempo atacava; Gentil, redator de não sei que revista, incisivo, impulsivo, surpreendente (gabava-se de ter sido o primeiro a dizer que Racine era um pilantra); Harrel, suposto dono da casa, mas na realidade escravo de Georges – inteligência rápida, cativante, dizendo frases que se atribuíam a Talleyrand e que se tornaram proverbiais; você, meu amigo, o cronista incansável, crítico durante trinta ou trinta e cinco anos de um dos primeiros jornais literários da França, e que possuía, em meio a todas essas qualidades, a de rir, e gaiatamente, das qualidades dos outros; e, finalmente, eu próprio, que, recém-chegado da província, formava-me na narrativa e no diálogo daquele encantador falatório, ininterrupto e infatigável ao longo das duas ou três horas que durava nossa ceia.

Era diferente na casa de Mlle Mars. A despeito de sua idade, que em todo caso era mais ou menos a de Mlle Georges, ela preservara, se não uma grande juventude, pelo menos um ar e uma grande carência de juventude.



Era de 1778, e não escondia a idade aos amigos. Um pequeno móvel, dado pela rainha à sua mãe, que pariu Mlle Mars no mesmo dia em que Maria Antonieta parira a del-fina, trazia a data de 1778.

Mlle Mars carregava dentro de si duas mulheres bem diferentes: a do teatro – lembra-se, não? – e a da vida privada. A mulher do teatro, com seu olhar carinhoso, voz simpática, uma graça infinita em todos os movimentos; a mulher da vida privada, com seu olhar duro, voz rouca e gestos bruscos mal se via contrariada, por qualquer coisa que fosse.

Tinha junto a si uma pobre provinciana, que trouxera de Bordeaux para lhe servir de dama de companhia, de leitora, de bode expiatório. Essa companheira chamava-se Julienne, era bastante espirituosa e, como gostava muito de mim, fez-me seu confidente.

Certo dia, após me contar uma cena na qual tivera coragem de não responder às invectivas de CÉLIMÈNE e eu felicitá-la por isso, ela me disse:

– Meu querido Dumas, o senhor que sabe fazer tudo, inclusive comédias, invente uma ocupação qualquer para mim a fim de que eu possa escutar, com os olhos distantes, todas as injúrias que ela me diz e para que minha impaciência possa se manifestar sem se revelar.

Célimène. Personagem do *Misanthropo*, de Molière, jovem viúva, coquete, espirituosa e intrigante.



– Minha cara Julienne, eu lhe disse, divirta-se pintando paisagens.

– Mas não sei pintar! respondeu-me a coitada.

– Para pintar paisagens não há necessidade de saber pintar; trata-se apenas de fazer linhas retas que representem troncos de árvores e uma espécie de garatuja verde-nuançada que represente a folhagem. Veja, eu, que nunca manipulei um pincel, vou trazer amanhã uma caixa de tintas, uma tela de trinta e seis e uma litografia colorida estampando uma floresta, e lhe darei uma primeira aula. Nos dias em que o tempo estiver bom, isto é, em que Célimène for amável, você fará os troncos, isto é, traçará as linhas retas; nos dias de tempestade, em que Célimène rugir, você fará a folhagem, isto é, imprimirá à mão trêmula de cólera esse movimento febril. Se ela perceber e perguntar o que está fazendo, você lhe responderá que são folhas de um carvalho. Ela não terá nada a dizer; você praguejará baixinho; sua cólera passará para a tela.

No dia seguinte, cumpri a palavra com Julienne, levando-lhe tudo o que era preciso para pintar. Julienne dedicou-se e, graças aos meus conselhos, começou uma das mais belas florestas virgens que já vi. Ao chegar à casa de Mlle Mars, a primeira coisa que eu fazia era ir ver a tela de Julienne, que trabalhava voltada contra a parede.

– Viva! – caso os troncos das árvores houvessem crescido –, parece que o dia foi calmo e que cultivamos a linha reta.



Em contrapartida, se a folhagem houvesse se adensado, se os galhos, que não pertenciam a nenhuma família de árvores, se projetassem para o céu ou caíssem quebrados em direção ao solo:

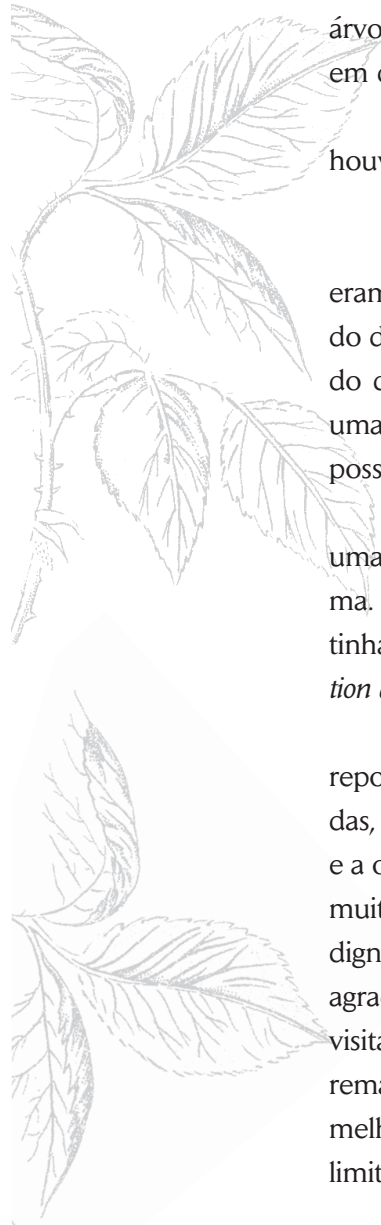
– Ora, minha cara Julienne, eu lhe dizia, parece que houve tempestade hoje...

E Julienne me contava suas mágoas.

Nossos convidados habituais na casa de Mlle Mars eram Vatout e Béquet. Vatout era primeiro-bibliotecário do duque de Orléans. Diziam ser parente do ramo esquerdo da linhagem do príncipe, que o tratava, de fato, com uma bondade muito particular. Por sua vez, Vatout fazia o possível para se exibir como tal.

Vatout, que a sra. Desbordes-Valmore qualificara como uma borboleta de botas, era bem descrito por esse epigrama. Sua grande pretensão era passar por homem de letras; tinha feito uma antologia ruim, que intitulara *La Conspiration de Cellamare*, e um romance ruim, *L'Idée fixe*.

Mas sua reputação, e ele a tinha grande nos salões, repousava particularmente em duas canções bem conhecidas, uma intitulada “L’écu de France” IO escudo da França e a outra “Le maire d’Eu” IO prefeito de Eu. Contava com muita graça que, certo dia, para encurtar caminho, esse digno prefeito fizera o rei Luís Filipe, de passagem por sua agradável cidade de Eu, pegar uma rua muito estreita, mais visitada à noite que pela manhã; ao perceber fantasmas remanescentes daquelas visitas, o excelente homem, vermelho de vergonha, afastando o rei dos lugares perigosos, limitava-se a dizer:





– Mas eu mandei que os tirassem daqui.

– O senhor não tinha esse direito, prefeito, respondeu Vatout, que vinha atrás do rei, eles têm a documentação.

Lembra-se de Béquet, meu caro Janin? Béquet, que – assim como Anteu redobrava as forças em contato com o solo – redobrava a verve ao fim de cada copo de vinho que bebia? Béquet, ímpio perante todas as coisas sagradas, paternidade ou divindade?

– Miserável, dissera-lhe um dia seu pai, não vai parar nunca de contrair dívidas?

– Eu? respondera Béquet com ar inocente e a mão no coração.

– Sim, você deve a Deus e ao diabo.

– Acaba justamente de designar as duas únicas pessoas a quem não devo nada, respondera então Béquet.

Suas relações com o pai não passavam de uma infundável discussão. Certo dia Béquet pai criticava os vícios do filho, os quais, dizia ele, iriam levá-lo ao túmulo:

– Tenho trinta anos a mais que você; pois bem, você morrerá antes de mim.

– Na verdade, respondeu Béquet num tom lamuriento, o senhor tem sempre coisas desagradáveis a me dizer.

No dia em que o pai morreu, foi, como de hábito, jantar no Café de Paris; depois, como provavelmente fazia questão de seguir a etiqueta fúnebre:

– Pierre, perguntou ao garçom, o bordeaux está de luto?

Convém fazer essa justiça a Béquet, que morreu como viveu, com um copo na mão.



Nosso conviva mais encantador, infelizmente porém não o mais assíduo, era Charles de Mornay, um resíduo da velha raça fidalgueira, como d'Orsay, com quem se parecia bastante. Era ao mesmo tempo bonito, inteligente e ministro do rei na corte da Suécia. Ninguém melhor que ele para contar as coisas que não devem ser contadas. Era descendente do famoso Duplessis-Mornay, ministro de Henrique IV. Na época da República, pediu demissão e, embora sem fortuna, resolveu não servir mais ao Estado.

Romieu também vinha cear de vez quando, e seu caráter boêmio competia com o caráter aristocrático de Mornay (nós, meu caro Janin, defendíamos como podíamos a escola moderna, que Mlle Georges assumira francamente e Mlle Mars, a contragosto). Enfim, de tempos em tempos, víamos surgir um representante da velha escola, como Alexandre Duval, que nos dardejava suas flechas de chumbo, e Dupaty, que nos alvejava com suas flechas douradas.

As ceias de Mlle Mars, sem serem modelos de mesa, eram boas e delicadas, exalando um aroma de burguesia inexistente na nau incendiária de Mlle Georges.

As língüiças de Bonaparte

Nascemos nos limites dos dois séculos, com dois anos, creio, de diferença: eu em 1802, você em 1804 ou 1805. Com isso pudemos conhecer, no ocaso da reputação deles, é verdade – mas de uma reputação merecida resta sempre alguma coisa –, os mais famosos gastrônomos do outro século.